

NOTA TÉCNICA

A queda recente das taxas de ocupação e participação no mercado de trabalho e sua dinâmica

1 Introdução

Os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam os efeitos das medidas de enfrentamento da pandemia sobre o funcionamento do mercado de trabalho. A taxa de desemprego/desocupação chegou a 13,3% no segundo trimestre de 2020, contra 12,4% no mesmo período do ano passado e 11,6% no primeiro trimestre do ano corrente. Em que pese ser uma elevação não desprezível, ela não retrata fielmente o impacto negativo das medidas pois, por tratar-se de um indicador sintético que reflete o comportamento conjunto da oferta e da demanda, ela tende a atenuar as mazelas/sucessos do mercado quando essas duas dimensões flutuam na mesma direção.¹

Este texto se propõe a analisar mais detidamente esses movimentos em duas seções. Na primeira seção, recorreremos aos dados agregados da PNAD Contínua de 2012 a 2020 para contemplar os movimentos numa perspectiva integrada por meio de diagramas de fase. Na segunda seção, analisamos os fluxos de entrada e saída dos trabalhadores na ocupação e na inatividade com intuito de identificar possíveis determinantes para a queda da ocupação e da participação. Para essa tarefa, combinamos dados da PNAD Contínua de 2019 com dados da PNAD Covid-19 de maio de 2020.

2 Uma perspectiva integrada para os movimentos na ocupação e participação

Um entendimento alternativo para identificar de forma sucinta como movimentos de oferta e demanda por trabalho vêm influenciando o mercado de trabalho consiste em recorrer a diagramas de fase que contemplem essas dimensões, explícita ou implicitamente. Para tanto, plotamos conjuntamente as taxas de participação e de ocupação,² conforme mostrado no gráfico 1. Antes de observar os dados, vale

Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea.

carlos.corseuil@ipea.gov.br

Maira Franca

Pesquisadora na Disoc/Ipea.

maira.franca@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea.

lauro.ramos@ipea.gov.br

¹ Hecksher já apontou que movimentos mais vigorosos são observados tanto para a taxa de ocupação como para a taxa de participação, com ambos os indicadores caindo muito a partir de abril de 2020. Disponível em: < https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200409_nota_tecnica_n_62_disoc.pdf >.

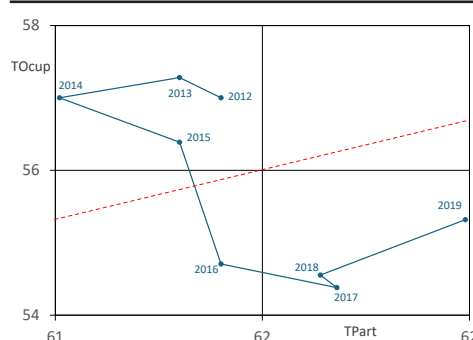
² Uma alternativa é combinar as taxas de participação e desemprego.

registrar algumas observações: *i)* os pontos nos quadrantes de cima são, em tese, preferíveis a pontos nos quadrantes inferiores por indicarem que o mercado está cumprindo melhor uma de suas funções básicas, que é gerar empregos; e *ii)* se isso ocorrer sob baixa pressão da procura por trabalho, caso do quadrante de cima à esquerda, as taxas de desemprego serão mais baixas que o usual, com o oposto acontecendo no quadrante de baixo à direita.

Mais importantes, até porque a definição desses quadrantes não tem critérios indisputáveis, as transições anuais têm interpretação análoga: *i)* transições para cima refletem aumento da vitalidade da demanda por trabalho, enquanto movimentos para baixo indicam perda de dinamismo e capacidade de geração de empregos; e *ii)* mudanças rumo ao quadrante acima e à esquerda redundam em quedas na taxa de desemprego, enquanto trajetórias no sentido oposto acarretam elevação nessa taxa. Por fim, em consonância com o afirmado no início, movimentos nas direções indicadas pela linha tracejada não têm efeitos claros sobre a taxa de desemprego, pois um tende a atenuar o impacto potencial do outro, e pontos acima dessa linha estão associados a taxas de desemprego menores que pontos abaixo dela.³

Passando à evolução recente, as transições anuais de 2012 em diante são, em sua maioria, nas direções sem um diagnóstico claro. Quando são considerados dois subperíodos, todavia, o panorama é claro. Entre 2012 e 2016 há uma inequívoca perda de dinamismo no desempenho do mercado de trabalho, com uma queda acentuada na taxa de ocupação e nas taxas de participação semelhantes nos anos inicial e final, sem que tenha havido aperto da oferta. A partir de mais uma queda da taxa de ocupação em 2017 tem início um processo de recuperação com a retomada da ocupação em meio a oscilações da oferta. Mesmo assim, comparando os anos extremos, observa-se perda de dinamismo da demanda e maior pressão da oferta, com consequente elevação do desemprego.

GRÁFICO 1
Evolução do comportamento do mercado de trabalho
(Taxa de participação *versus* taxa de ocupação)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Os autores.

No gráfico 2 esse exercício é repetido, agora levando em consideração apenas os resultados para essas taxas no segundo trimestre de cada ano. Dessa maneira, é possível capturar o efeito inicial das medidas da estratégia de combate da pandemia sobre o mercado de trabalho no segundo trimestre de 2020, mantendo algum controle sobre os fatores de natureza sazonal.

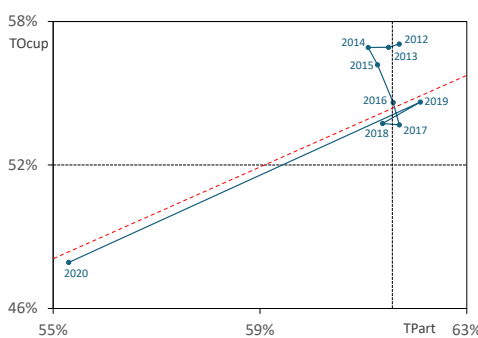
Um primeiro ponto a se destacar é que, apesar da dificuldade imposta pela mudança de escala, os movimentos com base nos dados para o segundo trimestre se-

³ A linha tracejada no diagrama indica a direção dos movimentos que não alteram a taxa de desemprego.

guem, em linhas gerais, o que foi apurado acima para as médias anuais (as linhas tracejadas em preto visam facilitar essa visualização), e tanto o desaquecimento entre 2012 e 2016 como o início de recuperação a partir de 2017 permanecem bem caracterizados.

Já a mudança em 2020 é drástica e, ainda que o aumento da taxa de desemprego seja pequeno, o gráfico 2 torna flagrante o grande afastamento das condições de normalidade. A queda acentuada das taxas de ocupação e de participação as leva a níveis muito abaixo do usual, emprestando uma conotação letárgica ao funcionamento do mercado. Entender melhor a natureza dessas quedas se reveste, então, da maior importância.

GRÁFICO 2
Evolução do comportamento do mercado de trabalho
(2º trim./2020)
(Taxa de participação versus taxa de ocupação)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Os autores.

3 O que nos dizem os fluxos de entrada e saída da ocupação e da inatividade?

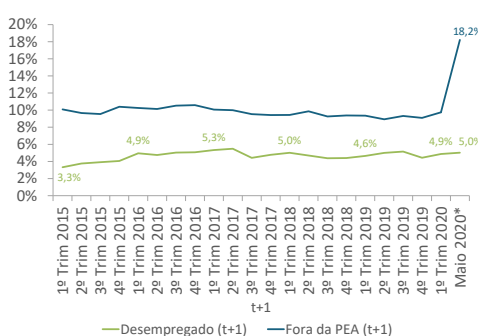
A quantidade de trabalhadores em um determinado estado do mercado de trabalho – ocupação, por exemplo – pode variar no tempo devido tanto a oscilações na quantidade dos que entram como na quantidade dos que saem dessa condição. Assim, uma análise mais detida sobre a evolução dos agregados do mercado de trabalho requer uma análise do fluxo de trabalhadores entre os agregados pertinentes. Essa abordagem baseada em fluxos, que vem sendo cada vez mais utilizada pelos especialistas, requer dados longitudinais que mostrem a posição de cada trabalhador em (ao menos) dois pontos do tempo. A PNAD Contínua oferece essa possibilidade de acompanhar os indivíduos em mais de um instante ao entrevistar os domicílios amostrados por até cinco vezes em trimestres consecutivos. No entanto, os microdados dessa pesquisa referentes ao segundo trimestre de 2020 ainda não estavam disponíveis durante a execução deste texto. Dessa forma, não poderíamos construir os fluxos para nos ajudar a entender as quedas nas taxas de ocupação e participação associadas à pandemia; o que requer sermos capazes de contrastar as posições dos trabalhadores em um momento pré-pandemia com as respectivas posições num momento pós-pandemia. Recorremos a dados da PNAD Covid-19 de maio, que traz informações de uma amostra de domicílios entrevistados em 2019 pela PNAD Contínua. Assim, temos os mesmos trabalhadores reportando suas posições no mercado de trabalho num momento pré-pandemia (segundo trimestre de 2019) e num momento pós pandemia (maio de 2020).

O gráfico 3 mostra a evolução temporal dos fluxos de saída de trabalhadores do estado de ocupado por destino. Esses fluxos são computados comparando as posições dos trabalhadores em entrevistas separadas no tempo por um ano. Por

exemplo, o primeiro ponto da linha de baixo do gráfico reporta que 3,3% dos ocupados no primeiro trimestre de 2014 passaram a ser registrados como desempregados no primeiro trimestre de 2015. Essa transição mostra uma relativa estabilidade, especialmente a partir de 2017, quando oscila em torno de 5%, inclusive após o início da pandemia, como atestado pelo último ponto da linha de baixo, que indica que 5% dos registrados como ocupados na PNAD Contínua do segundo trimestre de 2019 passaram a ser registrados como desempregados na PNAD Covid-19 de 2020.

GRÁFICO 3

Destino para os ocupados após um ano
(Em %)



Em Maio de 2020 os dados são da Pnad Covid-19.

Fonte: PNAD Contínua e Pnad Covid-19/IBGE.

Elaboração dos autores.

A transição da ocupação para a inatividade mostra uma dinâmica distinta. Uma leve tendência de queda entre o início de 2017 e o início de 2020 é interrompida por um aumento abrupto desse fluxo no ponto mais recente. Dez por cento dos ocupados no primeiro trimestre de 2019 eram registrados como inativos no primeiro trimestre de 2020. Já entre os ocupados no segundo trimestre de 2019, 18% são registrados como inativos em maio de 2020.

É importante salientar que, nos últimos pontos de ambas as linhas do gráfico 3, computamos transições comparando uma entrevista da PNAD Contínua com outra da PNAD Covid-19. Como os questionários apresentam algumas diferenças, é possível que uma parte do resultado atípico nesse último período seja atribuído a essa questão metodológica. Destacamos uma diferença no período de procura de emprego utilizado para classificar os indivíduos não ocupados como desempregados ou inativos: na PNAD Contínua, pergunta-se a esses indivíduos se tomaram providências para procurar emprego num período de trinta dias, enquanto na PNAD Covid-19 a pergunta faz referência a um período de sete dias. Logo, numa mesma data, espera-se que um indivíduo não ocupado tenha mais chance de ser classificado como desempregado na PNAD Contínua e como inativo na PNAD Covid-19. No entanto, a magnitude dos movimentos que destacamos (e que mostraremos a seguir) nas transições terminadas em maio de 2020 é tão abrupta que não consideramos plausível que tais movimentos tenham sido determinados predominantemente por essa questão metodológica.

A tabela 1 traz mais informações sobre esse fluxo de trabalhadores entre ocupação e inatividade. É possível notar que o aumento abrupto ocorrido associado à chegada da pandemia atingiu com similar intensidade todas as categorias de trabalhadores representados na tabela: i) homens e mulheres; ii) baixa, média ou alta escolaridade; e iii) empregados formais, informais ou autônomos e empregadores.

TABELA 1

Fluxos entre ocupação e inatividade: recortes socioeconômicos

	1º Trim 2018/ 1º Trim 2019	2º Trim 2018/ 2º Trim 2019	3º Trim 2018/ 3º Trim 2019	4º Trim 2018/ 4º Trim 2019	1º Trim 2019/ 1º Trim 2020	2º Trim 2019/ Maio 2020**
Brasil	9,4	8,9	9,3	9,1	9,7	18,2
Por sexo						
Homens	6,8	6,5	7,2	7,1	7,5	14,8
Mulheres	12,5	12,0	12,0	11,6	12,6	22,6
Por nível de escolaridade						
Fundamental incompleto	15,5	14,6	15,0	15,1	16,5	27,0
Fundamental comp./Médio incomp.	11,5	10,4	11,5	11,2	11,8	22,5
Ensino Médio completo	6,3	6,2	6,4	6,1	6,7	14,2
Por posição na ocupação						
Empregado Formal	4,5	4,6	4,9	4,7	5,0	10,4
Conta própria/ Empregador	12,1	11,5	12,1	11,7	13,1	23,0
Empregado Informal	16,4	14,5	14,6	14,4	15,4	28,8

**Em Maio de 2020 os dados são da PnadCovid.

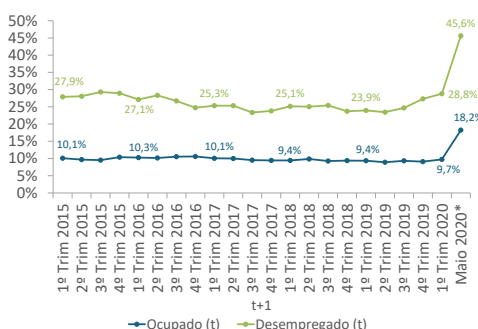
Fonte: PNAD Contínua e Pnad Covid-19/IBGE.

Elaboração: Elaboração: Os autores.

O gráfico 4 complementa a análise mostrando os fluxos que têm a posição de inativo como destino. A linha de baixo reproduz a evolução já comentada do fluxo de trabalhadores que estavam ocupados e passaram a ser registrados como inativos um ano depois. Já a linha de cima mostra o fluxo de trabalhadores que eram registrados como desempregados num primeiro momento e passam a ser registrados como inativos um ano depois. Esse tipo de transição correspondia a aproximadamente 25% dos desempregados até o segundo trimestre de 2019. A partir daí inicia uma trajetória ascendente, atingindo a marca de 29% no primeiro trimestre de 2020, magnificada no último ponto da série. Quarenta e seis por cento daqueles registrados como desempregados no segundo trimestre de 2020 passam a ser inativos em maio de 2020. Isso reflete um movimento importante na dimensão da oferta de trabalho, evidenciando que os indivíduos sem ocupação estão deixando de buscar oportunidades no mercado de trabalho.

GRÁFICO 4

Transição para fora da população economicamente ativa (PEA) após um ano



Em Maio de 2020 os dados são da Pnad Covid-19.

Fonte: PNAD Contínua e Pnad Covid-19/IBGE.

Elaboração dos autores.

4 Resumo

As quedas abruptas nas taxas de ocupação e participação por conta das medidas de combate à pandemia, observadas também em outros países,⁴ alterou profundamente o funcionamento do mercado de trabalho brasileiro, como ficou bem caracterizado no gráfico 2. A análise a partir de dados de painel na seção 3 mostra que isso foi basicamente decorrente da transição acentuada de trabalhadores da condição de ocupados para inativos e, também, da desocupação para a inatividade (gráfico 4). Essa é a resposta comum a todos os principais segmentos socioeconômicos, como mostrado na tabela 1.

4 OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development. OECD *Employment Outlook 2020: Worker Security and the COVID-19 Crisis*. Paris: OECD Publishing, 2020.

Parece plausível supor um retorno rápido da taxa de participação em direção à normalidade por conta do agravamento da restrição orçamentária das famílias e a recuperação de alguma atratividade do mercado. Para a taxa de ocupação, o percurso deve ser mais árduo. A maior contribuição do mercado de trabalho para a retomada da economia, da qual a ocupação é dependente, é através da massa salarial, que dita o consumo das famílias. Essa massa, todavia, está comprometida pela própria queda da ocupação e, também, das horas trabalhadas. Assim, o retorno à normalidade deve ser lento e marcado pelo crescimento do desemprego, fomentado pela transição da inatividade para desocupação.



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Leonardo Mello de Carvalho

Marcelo Nonnenberg

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa

Paulo Mansur Levy

Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter

Augusto Lopes dos Santos Borges

Felipe dos Santos Martins

Felipe Moraes Cornelio

Felipe Simplicio Ferreira

Leonardo Simão Lago Alvite

Marcelo Lima de Moraes

Mateus de Azevedo Araujo

Pedro Mendes Garcia

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveiraa

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.